



O USO DO DESENHO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA BÁSICA DA BAIXADA FLUMINENSE

MOREIRA, Ester Ribeiro¹; SANTOS, Clézio dos²

RESUMO

O desenho é uma linguagem visual, pela qual os alunos se expressam, se comunicam e reproduzem os espaços que estão inseridos. O objetivo principal da pesquisa é analisar e refletir as (geo)grafias produzidas sobre o lugar por alunos da educação básica no Município de Belford Roxo a fim de compreender os conflitos e nível de pertencimento de lugar dos mesmos. A metodologia prende-se aos estudos educacionais qualitativos, envolvendo a produção de desenhos com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. A partir desta salientamos a importância do desenho para o Ensino de Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Baixada Fluminense; Desenho.

THE USE OF DRAWING IN GEOGRAPHY TEACHING IN BAIXADA FLUMINENSE BASIC SCHOOL

ABSTRACT

Drawing is a visual language, through which students express themselves, communicate and reproduce the spaces they are inserted. The main objective of the research is to analyze and reflect the (geo) spellings produced about the place by students of basic education in the City of Belford Roxo in order to understand their conflicts and their level of place belonging. The methodology is related to qualitative educational studies, involving the production of drawings with students from the initial grades of elementary school. From this we emphasize the importance of drawing for the teaching of geography for the early years of elementary school.

Key words: Geography Teaching; Baixada Fluminense; Drawing.

1. INTRODUÇÃO

O desenho é a primeira forma de comunicação utilizada pela criança, é uma linguagem gráfica própria, com seus próprios códigos e os alunos os organizam e o reorganizam constantemente em suas produções, sendo elas escolares ou não. Partimos da importância da feitura do desenho para o

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) E-mail: esterribeiro071@gmail.com.

² Professor Associado I de Ensino de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFRRJ). E-mail: cleziogeo@yahoo.com.br.

desenvolvimento da criança e de outros conceitos que se entrelaçam ao desenho e ao local em que os alunos estão inseridos, para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Na Educação Infantil o desenho tem lugar de evidência no ensino, pois, nas escolas o mesmo tem importâncias relevantes e é utilizado por exemplo para desenvolvimento da percepção da criança, local onde está inserido, as interações com o espaço e ainda para comunicação com outras crianças, professores, familiares e afins, Guimarães e Daros (2013) ressaltam a importância do desenho ao dizerem que “[...] os desenhos têm um relevante papel tanto no desenvolvimento da capacidade cognitiva e semiótica, como também na capacidade criadora e expressiva das crianças.” (GUIMARÃES; DAROS, 2013, p.1), esses fatores fazem com que o desenho se torne uma importante ferramenta de auxílio ao trabalho pedagógico e indispensável para a evolução do aluno.

Porém com o passar dos anos escolares e a chegada dos anos iniciais do Ensino Fundamental na trajetória de formação escolar do aluno, o desenho que anteriormente tinha local de evidência entra em descontinuidade pelo processo de aprendizagem de outra forma de comunicação, a linguagem escrita. É no momento da alfabetização que o aluno perde o incentivo a expressar-se através de desenhos e precisa começar a se comunicar através de palavras, sejam elas escritas ou faladas. O não incentivo ao desenho acarreta a perda de uma importante ferramenta de assimilação de conteúdo, que podem ser utilizados principalmente para o Ensino de Geografia.

A Geografia da infância, linha na qual a pesquisa é embasada, traz a relação da criança com o local que está inserida, falando sobre culturas infantis, pois não existe apenas uma e sim várias que se modificam através de suas vivências, culturas e grupos sociais a qual estão inseridas,

Não podemos falar da existência de uma única cultura própria das crianças, mas sim de culturas infantis, caracterizando desse modo a pluralidade que lhes é inerente. Essa pluralidade se estabelece no entrelaçamento da produção da infância e da produção de lugar. Toda criança é criança de algum lugar. (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p.110).

Toda criança pertence a algum local e tem uma relação com o mesmo, reproduzindo de sua forma a costumes e culturas passadas pelos adultos e criando suas próprias formas de se relacionar com o local, fazendo nascer assim afeto pelo local o transformando em lugar e criando experiências no mesmo e para compreender essa relação da criança com o local utilizamos a perspectiva Sócio Histórica.

Dos Objetivos cumpridos nos 10 meses de desenvolvimento da pesquisa podemos cumprir o objetivo geral que foi o de Analisar e refletir os desenhos produzidos sobre o lugar por alunos da Escola Básica no município de Belford Roxo/RJ, que foi realizado a partir da feitura de desenhos por alunos de uma escola Municipal da área central do Município. E os objetivos específicos de Analisar a realidade

educacional e o uso das imagens no ensino de geografia no município de Belford Roxo, esse objetivo foi cumprido a partir da observação nas aulas do terceiro ano do Ensino Fundamental na Escola de Belford Roxo, Identificar como os alunos percebem e representam o seu lugar na Baixada Fluminense, esse objetivo foi cumprido através de observação do cotidiano dos alunos na escola e análise dos desenhos confeccionados e Participar em eventos científicos, para divulgação dos resultados, podemos participar de alguns eventos de importância para a área de Ensino de Geografia. Os Objetivos foram cumpridos parcialmente com algumas dificuldades de recolhimento de dados, introdução da pesquisadora na escola e liberdade para realizar a pesquisa no local.

Dentro da perspectiva Sócio Histórica, o desenvolvimento humano não é tratado como linearidade, mas como processo em constante transformação, enraizado na sociedade e na cultura. Tal reflexão não nos permite pensar a infância ou as crianças como um estágio da vida do sujeito, que evoluirá para estágios mais avançados de desenvolvimento com o passar do tempo. Simplesmente porque a experiência humana no mundo não deve ser demarcada cronologicamente. Quando se estuda somente a história cronológica, negam-se os outros tipos de história. Isso não nos garante a compreensão das intensidades e significações que tal movimento traz para os sujeitos.

Sabendo que toda criança é criança de algum lugar, e que para compreender sua relação com o local precisamos entender o processo de transformação e cultura do local onde estão inseridas, buscamos compreender a relação da criança da Baixada Fluminense com o local, na tentativa de desvelar a forma de se relacionar com o mesmo.

A metodologia de pesquisa prende-se aos estudos educacionais qualitativos, envolvendo a produção de desenhos por alunos da escola básica nos anos iniciais do ensino fundamental, o primeiro momento da pesquisa foi de fundamentação teórica com a linha da geografia da infância recorrendo autores que têm contribuído para discussão dessa área de pesquisa como Lopes (2008, 2013, 2018), Vasconcellos (2005, 2008, 2012), Costa (2008), Sarmiento (2005), Lopes e Vasconcellos (2006), Moreira (2019); além dos referenciais teóricos desse campo de pesquisa como Tuan (1980, 1982), Vigotski (1998), Lynch (1960), Santos (2013), entre outros.

Após o início da fundamentação teórica tivemos a inserção na escola através do estágio obrigatório em Ensino Fundamental para a graduação de pedagogia a qual curso, estar em uma escola do município de Belford Roxo somente com o intuito de pesquisar é complicado na ideia da atual gestão de prefeitura e secretaria de educação, a entrada na escola a partir do estágio supervisionado acaba sendo uma saída facilitada para o cumprimento de pesquisas em escolas do município.

A escola selecionada foi a Escola Municipal Professor Paris, Localizada na área central do município de Belford Roxo, próxima a uma igreja católica do município muito conhecida como igreja

das pedras por ser toda feita toda de pedras, é a Igreja da Nossa Senhora da Conceição, a criação da escola foi no ano de 1984 sua origem se deu na mudança de endereço da Escola Municipal Arruda Negreiros que funcionada na Av. Benjamin Pinto Dias, na época a Av. tinha o nome de Av. Francisco Sá, e recebeu o nome de Escola Municipal Professor Paris quando foi para o prédio na Rua José Bestes, onde se mantém localizada até hoje.

A escola recebeu o novo nome em homenagem ao Professor Augusto Monteiro Paris que foi diretor do Colégio Paris em Iguaçu durante cinquenta anos (1875-1925), escola privada de importância na época. A Escola Municipal Professor Paris funciona hoje, nos 3 turnos, pela manhã e à tarde da Educação Infantil ao 9º Ano do Ensino Fundamental e à noite oferece a educação de jovens e adultos no Ensino Fundamental.

A pesquisa propõe a feitura de desenhos de lugar pelos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e busca compreender sua relação com o espaço em que está inserido e pertencimento, além de observação do cotidiano escolar e da forma que o Ensino de Geografia é ministrado aos alunos. Entramos na escola no segundo semestre do ano de 2018, fomos recebidos na escola pela orientadora, apresentamos a pesquisa e nos foi direcionado para realizar o estágio e a pesquisa na turma de terceiro ano do Ensino Fundamental no turno da manhã. Na sala haviam 30 alunos, 1 professora e 1 estimuladora para uma das alunas da turma.

2. A BAIXADA FLUMINENSE E A RELAÇÃO COMO PERTENCIMENTO DE LUGAR

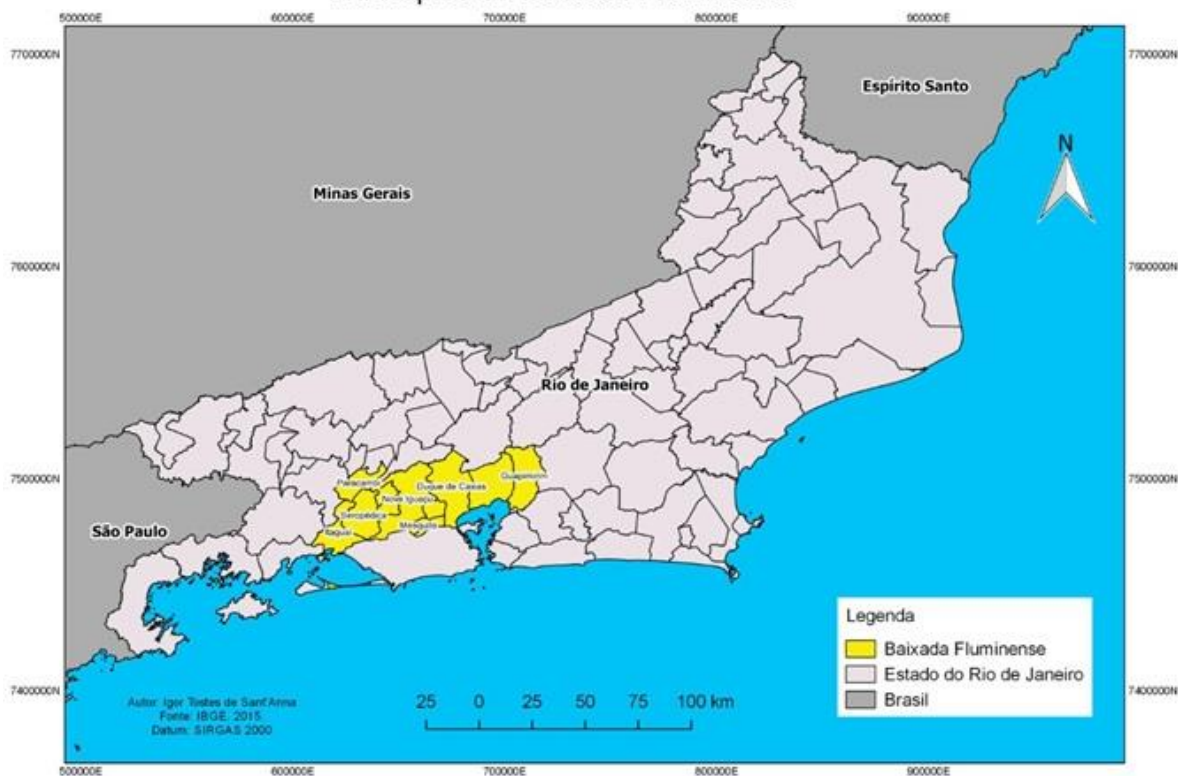
A Baixada Fluminense é um local considerado periférico, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, um local que carrega estigmas de violência e pobreza como se só existisse isso até hoje no local, fazendo assim se difundir uma ideia de que não se produz nada de bom na baixada fluminense e que na Baixada não se desenvolve pesquisas que não sejam sobre a população pobre e a violência do local.

A ocupação inicial das terras da Baixada Fluminense está relacionada com a fundação da cidade do Rio de Janeiro em 1585, assim como a distribuição de sesmarias na Baía de Guanabara aos nobres e militares portugueses (SIMÕES, 2007). A região é conhecida, a partir de suas características físicas, como uma planície flúvio-marinha rasa, que se desenvolve entre o sopé da Serra do Mar e o Oceano, interrompida por colinas e maciços costeiros. Segundo os estudos de Renato Mendes (1948), a Baixada Fluminense poderia ser compreendida como toda a área de baixadas do estado do Rio de Janeiro, desde as terras baixas que se estendem da escarpa da Serra do Mar até o Oceano Atlântico. Magalhães (2013) faz um apanhado da evolução e entendimento do território da Baixada Fluminense:

Renato Mendes define como “Recôncavo da Guanabara”, a região que se constitui pelos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé, Itaboraí, São Gonçalo e Niterói, em sua dissertação “Paisagens Culturais da Baixada Fluminense”, de 1948, antes da emancipação e surgimento de outros municípios a partir do território de Nova Iguaçu e Duque de Caxias. A Baixada Fluminense que consideramos neste trabalho corresponde à parte do Recôncavo da Guanabara – Nova Iguaçu e Duque de Caxias – e os municípios emancipados a partir do desmembramento desses territórios: Belford Roxo, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Queimados e São João de Meriti, que correspondem à regionalização com enfoque histórico-cultural, visão semelhante à de Magalhães, et. Al. (2013): A porção territorial da Baixada da Guanabara, localizada a oeste da Baía de Guanabara – também denominada “Recôncavo da Guanabara” por Maria Teresinha de Segada Soares (1962) e “Tabuleiro da Guanabara” por Genesis Torres (2005), corresponde aos atuais municípios oriundos da antiga Vila de Iguassu e do extinto município de Estrela como afirma Manoel Ricardo Simões (2007). Verifica-se, portanto, ser essa porção territorial a região hoje conhecida popularmente como “Baixada Fluminense” (MAGALHÃES, et. Al. 2013, p. 14-15).

Hoje a Baixada Fluminense (Figura 1) se configura como um grande “depósito” para pessoas que em sua maioria trabalham nos grandes centros, e que fazem horas de viagem de ida e volta até seus empregos. Compreender a Baixada como lugar de resistência, luta e história de uma parcela da sociedade que batalha todos os dias para sustentar suas famílias e para que seus filhos tenham um futuro é essencial para começar a se compreender o município de Belford Roxo onde a pesquisa é desenvolvida, Além de compreender o potencial para pesquisa que o local possui.

Figura 1 – Municípios da Baixada Fluminense
Municípios da Baixada Fluminense



Fonte: SANT'ANNA, apud MOREIRA, 2019.

A Justificativa da pesquisa encontra-se na Geografia da infância, uma linha que tem seus primeiros trabalhos publicados nos anos 70 envolvendo crianças e suas espacialidades, e nos das próximas décadas a partir de algumas mudanças nas leis para infância são elencados outros temas para a linha de pesquisa da Geografia da Infância como diz Jader (2013),

O final da década de 80 e os anos 90 foram acompanhados por um grande crescimento nos estatutos políticos e legais que colocam as crianças como sujeitos de direitos, a Convenção sobre o Direito das Crianças e muitos outros documentos (por exemplo, o ECA no Brasil) possibilitam outros estatutos para a infância e estendem a ideia do direito da criança ao espaço e, assim, um outro foco ganha força nos estudos da Geografia da Infância, a noção de território, de espaço como direito politicamente definido. (LOPES, 2013, p.289).

A partir da criação de estatutos que definiam os direitos das crianças a Geografia da Infância ganhou força e vem expandindo seu campo de pesquisa na infância e suas relações com o todo, a linha de pesquisa:

[...] se justifica, uma vez que as crianças, ao compartilharem a realidade com as demais, irão estabelecer uma relação horizontal de identidade entre elas e criar uma relação vertical de identificação com os adultos, constituindo concepções reais que possibilitam vivência da sua infância dentro da lógica de organização social do grupo. (LOPES; VASCONVELLOS, 2006, p.103).

A Geografia da Infância é fortemente influenciada pela Geografia Humanista, que busca compreender a percepção e representação do espaço por indivíduos, entendendo seu caráter único, singular, ao mesmo tempo em que reconhece o seu pertencimento e compartilhamento a um determinado grupo cultural. Buscando acima de tudo, desvelar o ser e estar das crianças no espaço.

Para Tuan (1982), um dos precursores dessa corrente:

A Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. [...] procura um entendimento do mundo humano através das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982, p. 143).

O conceito lugar, seu uso e apropriação por parte das crianças ganha destaque tanto nessa corrente de pensamento, como na própria Geografia da Infância. O lugar, entendido como as relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço, passa a ter um valor central nas pesquisas em geografia humanista. O significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. “[...] Se pensamos no espaço como algo que permite o movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar” (TUAN, 1983, p. 6).

Na medida em que o espaço vai sendo ocupado, a partir das diferentes utilizações possíveis, algumas dessas utilizações vão ganhando significados e na medida em que o espaço vai sendo ocupado materialmente, vão se produzindo sentidos. A Geografia da Infância tem no lugar uma categoria de apoio e lócus de pesquisa. Os lugares remetem a identidade, ou mesmo as identidades sociais e culturais.

Os estudos da Geografia da Infância emergem, dessa forma, com interfaces nesses postulados apresentados de forma breve, por onde se entrecruzam outras temáticas, como gênero, idade e condição econômica, perguntam-se como meninos e meninas, de diferentes idades e pertencentes a diferentes camadas sociais concebem, percebem e representam seus espaços, e é nessa linha que se justifica a presente pesquisa.

3. OS DESENHOS DA ESCOLA BÁSICA DA BAIXADA

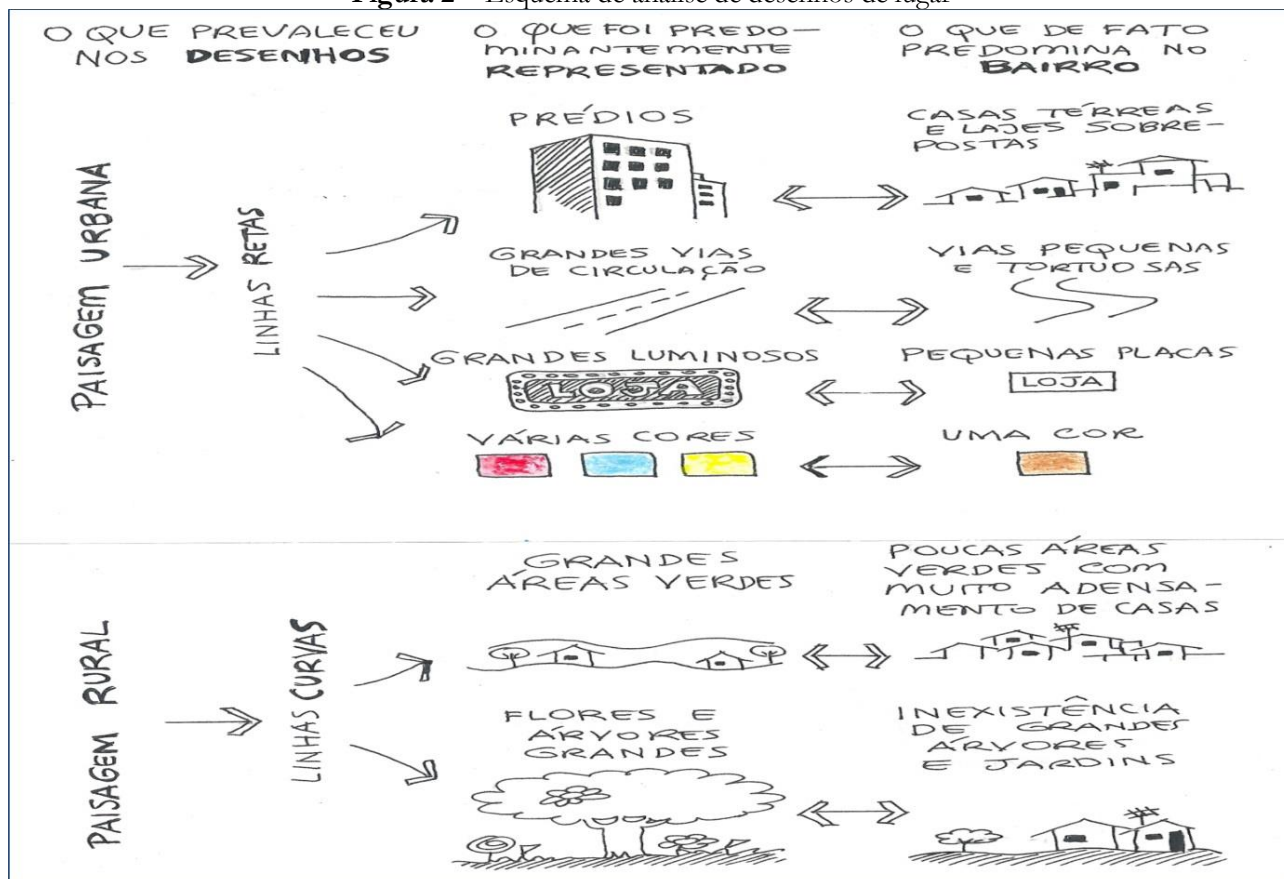
No período de observação ao cotidiano escolar e de como eram tratadas as questões do Ensino de Geografia, foi apresentado a pesquisa para a professora da turma que me daria espaço para a atividade proposta pela pesquisa quando as rotinas escolares dessem ‘alguma brecha’. Essa ‘brecha’, nos foi dada após a semana de provas do 4º bimestre, no momento em que a professora precisava fechar o diário da turma, já com a turma esvaziada pela aproximação do fim do ano letivo e férias. Esse conjunto de acontecimentos ocasionou no baixo número de desenhos produzidos a partir da atividade proposta pela pesquisa na turma.

Chegado o momento da proposta de feitura dos desenhos pelos alunos, entregamos folhas ofício, lápis preto, giz de ceira e lápis de cor, foi pedido as crianças para que elas nos dissessem locais que elas se sentissem bem, que gostassem muito, após esse momento pedimos para que eles desenhassem esses locais, após terminarem a feitura dos desenhos, os mesmos foram recolhidos para análise.

As análises dos desenhos foram realizadas seguindo o esquema (Figura 2) organizado por Santos (2013). O esquema analisa o que prevaleceu nos desenhos, o que foi predominantemente representado, o que é predominante no bairro na realidade, e a partir dessa análise, teremos melhores compreensões sobre o pertencimento de lugar da criança do Município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense.

De acordo com a Figura 2, começamos as análises individuais dos desenhos produzidos, podemos começar a análise dos mesmos a partir do esquema de Santos (2013).

Figura 2 – Esquema de análise de desenhos de lugar

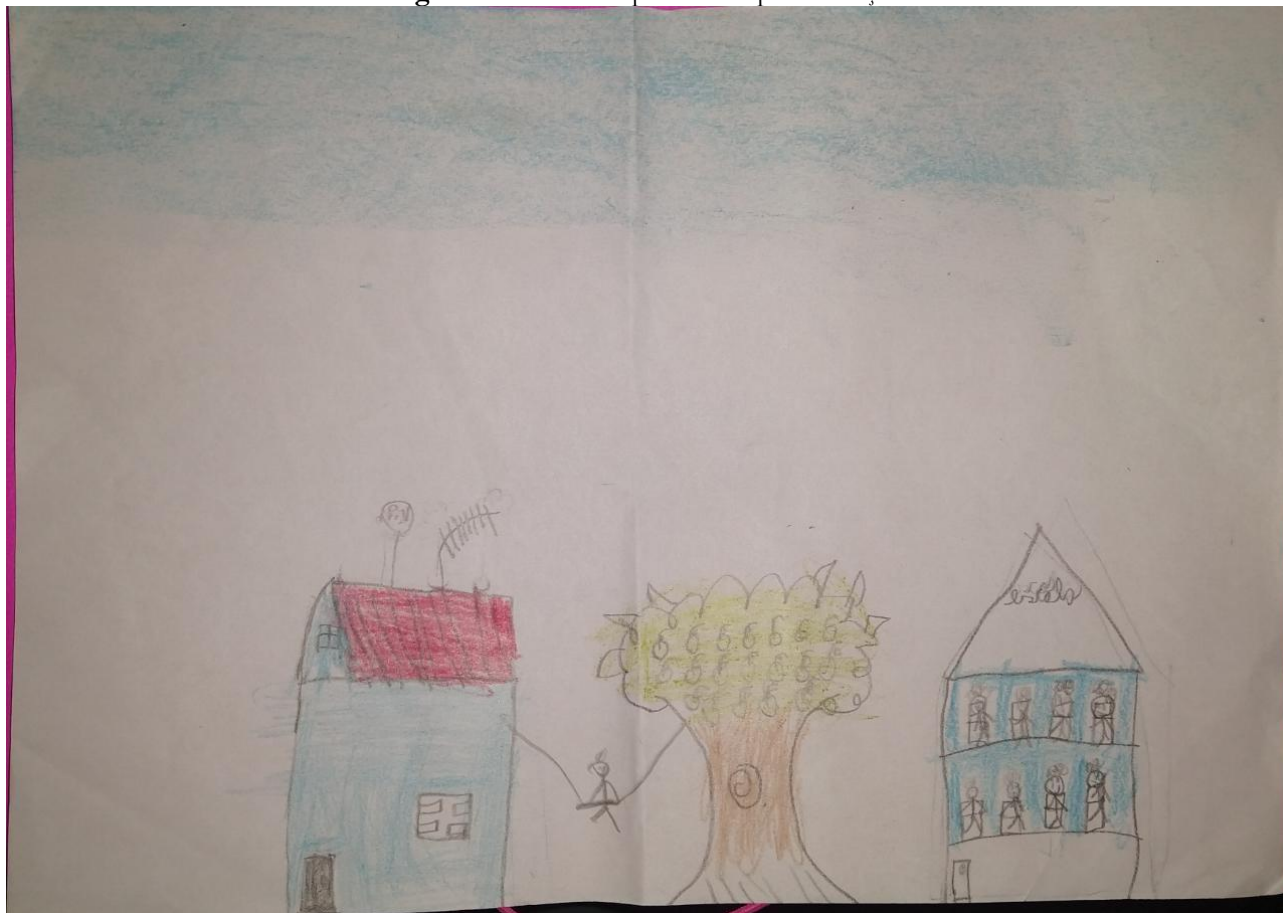


Fonte: SANTOS, 2013.

Podemos observar de acordo com a Figura 3, a partir da análise que a criança 1 desenhou seus lugares, representando os locais que ela tem afeto, porém utilizando os telhados em V invertido que servem para queda de neve, e o clima do município de Belford Roxo é Tropical, assim como a maior parte do Brasil, com isso, não neva no município e casas com esse tipo de formato são pouco comuns nessa área, além de que foi perguntado a criança se o teto de sua casa tinha aquele formato, e ele disse que não, que sua casa ela de laje, quando indagada pelas cores que representou a casa a resposta foi, que sua casa não era pintada, que estava no tijolo, mas no desenho a casa pintava ficava mais bonita, o balanço próximo a casa e a uma grande árvore é um balanço que o pai fez para ele e os irmãos brincarem, e é um local que a criança relatou gostar muito.

A árvore representada por ele como uma macieira (Figura 3), na verdade é uma mangueira, porém ele relatou só saber desenhar arvores com maçãs, como nosso clima é quente, desenhos contendo macieiras sofrem grande influência colonizadora e reproduzem ideias colonialistas, que são repetidas e colocadas como a forma ‘certa’ de se desenhar.

Figura 3 – Desenho produzido pela criança 1



Fonte: MOREIRA, 2019.

Na representação da escola, somente a quadra tem esse formato de telhado por ter sido feito em formato de galpão, a criança pode ter partido do formato do telhado da quadra para a representação da escola em seu desenho, quando perguntado a criança quem eram as pessoas dentro da escola, nos foi dito que eram os alunos dentro das salas, se analisarmos a escola representada no desenho, todas as crianças estão sentadas, na típica ideia de que na sala de aula os alunos devem permanecer sentados, mostrando assim como os alunos tem seus corpos docilizados já nas práticas escolares.

Assim como a criança 1, a criança 2 representou seus lugares de afeto, com as mesmas características (Figura 4), acrescentando o parquinho da escola que tem exatamente balanços e um escorrega, porém apenas a Educação Infantil pode utilizar e nem as turmas de Ed. Infantil a qual o parquinho é destinado utilizam o mesmo, as professoras alegam que as crianças ficam muito agitadas e podem acabar com algum ferimento, com isso o parquinho na maioria dos dias está vazio. O aluno que representou o parquinho está no terceiro ano do Ensino Fundamental, e não é mais permitido a utilização das turmas de Ens. Fundamental. O aluno relatou que o parquinho era um lugar que ele gostava muito,

e que sentia falta da Ed. Infantil, pois agora não podia mais brincar e no intervalo só podiam ficar no refeitório e não podiam correr nem brincar, apenas ficar sentados até que o horário do intervalo acabe, e a da árvore que aparece no desenho já se aproxima um pouco a árvores que fornecem sombras em praças ou calçadas.

Figura 4 – Desenho produzido pela criança 2



Fonte: MOREIRA, 2019.

De acordo com a Figura 5, o desenho segue a análise dos outros dois aqui apresentados em relação ao formato dos telhados, essa criança representou com mais detalhes sua casa, com seus familiares e onde eles mais gostam de ficar, representou seus dois cachorros, e relatou que gosta muito de ficar com eles no quintal, a praça próxima a sua casa foi representada com balanço e arvores grandes, porém a prefeitura atual vem demolindo todas as praças da cidade e retirando todas as árvores, e a criança falou sobre ‘ter saudades da pracinha e das arvores que deixava tudo mais fresquinho’.

Figura 5 – Desenho produzido pela criança 3



Fonte: MOREIRA, 2019.

O desenho (Figura 6) produzido pela criança 4 segue o modelo de telhado com influência colonialista, representa a casa e a escola de forma superficial, a aluna relatou que gostaria que em sua casa tivessem janelas grandes, por isso desenhou janelas grandes na casa, também representou uma árvore que se assemelha a que produz sombra e está em praças e ruas, e desenha muitas flores em primeiro plano, quando indagada se tinha algum local que ela frequentava que tinham flores, ela disse que não tinha, mas que deveria ser muito lindo um lugar com muitas flores, e que quando crescesse e tivesse uma casa dela, faria um jardim com muitas flores.

Figura 6 – Desenho produzido pela criança 4



Fonte: MOREIRA, 2019.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Resultados da pesquisa podemos observar através das análises, de desenho e a partir das conversas com as crianças durante a atividade que, os desenhos sofrem influencias colonialistas mesmo que sejam pela reprodução involuntária com a naturalização vinda desde os tempos de Brasil colônia que nos traziam uma ideia de que tudo o que vinha da Europa era o certo e o modelo a se seguir. Os professores acabam reproduzindo essa lógica colonialista sem que perceba, pois é algo naturalizado e qual não conseguimos perceber, além de que essa reprodução de algo de fora faz com que o pertencimento de lugar não seja realmente incentivado por estarmos produzindo e reproduzindo algo que não está em nossa realidade.

No período de observação na turma podemos perceber que o Ensino de Geografia é sempre deixado em segundo plano e trabalhado apenas nos moldes de cópia e decora. Para que o ensino de

Geografia seja efetivo e funcional para a formação do aluno ele precisa ter o cuidado de preparação de aulas que sejam lúdicas e que muitas vezes utilizem o cotidiano do aluno para que ele assimile os conteúdos, fazendo assim com que ele crie o link do livro didático para sua vida cotidiana e assim tenha o real aprendizado não apenas decorando as respostas do livro para a prova sem que compreenda os conteúdos em seu cotidiano. A Geografia é uma ciência a qual conseguimos ver no dia a dia, e essa ferramenta precisa ser utilizada.

É nessa linha que o desenho se torna grande aliado para a assimilação de conteúdos no Ensino de Geografia, a partir deles podemos trabalhar conceitos geográficos que estão no cotidiano do aluno, como população, relevo, urbano e rural, globalização entre muitos outros. Salientamos ainda que os alunos sentem essa quebra da Educação Infantil para o Ensino Fundamental onde precisam deixar muitas coisas que faziam anteriormente, porém a feitura do desenho precisa ser incentivada pelo potencial que encontramos nele para facilitação da compreensão de conteúdos dados em sala de aula. O incentivo a feitura dos desenhos irá auxiliar na criação de pertencimento de lugar dos alunos que nos foi apresentado de forma rasa através do desenho que produziram.

Chegando as considerações finais, com a certeza de que a utilização do desenho no Ensino de Geografia facilita o trabalho do professor na tentativa de assimilação de conteúdos além de que o incentivo a feitura do mesmo pedindo que mais detalhes sejam representados fielmente nos desenhos incentiva a criação de pertencimento do aluno ao lugar, fazendo com que ele se compreenda como ser atuante desse local, criando assim seu pensamento cidadão para que compreenda como pode atuar para mudanças em seu local.

Além de que o Ensino de Geografia precisa ser visto com outros olhos pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o tratando como uma disciplina tão importante como as de Ensino de Língua portuguesa e o Ensino de Matemática, pois é onde o aluno compreende o mundo e sua ação no mundo, é onde o aluno compreende sua localidade e assim como deve atuar para melhoria de seu lugar, o Ensino de Geografia tem que ser tratado como o potencial que tem para a formação do aluno crítico pensante.

O uso do desenho o Professor tem a possibilidade de estabelecer que o Ensino de Geografia tenha sentido para vida do aluno, como afirma Callai (2013, p.40) “[...] possibilidade de que os estudantes percebam a singularidade de sua vida e reconheçam a sua identidade e o seu pertencimento em um mundo que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual”.

Com a proposta de utilização de desenhos dentro de sala de aula como auxílio do Ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, procuramos incentivar a criação de pertencimento de lugar da criança que compreende a singularidade de seu local e assim o tenha como lugar.

5. REFERÊNCIAS

- CALLAI, C. H. **A formação do profissional da Geografia: o professor.** Ijuí: Editora Unijuí, 2013.
- LYNCH, K. **The Image of the City.** Cambridge: M. I. T. Press, 1960.
- LOPES, J.J.M; VASCONCELLOS, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 1, pp.103-127, jan./jun. 2006.
- LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Educação Pública.** Cuiabá, v.22, n.49/1, pp.283-294, maio/ago.2013.
- LOPES, J.J.M. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1ª ed. 2018.
- MAGALHÃES, A. L. et. Al. **Alma(naque)...da Baixada! Rio de Janeiro.** Duque de Caxias: APPH - CLIO, 2013.
- MENDES, R. S. **Paisagens Culturais da Baixada Fluminense.** USP/FFLC, Boletim CX, Geografia, n.4, 1948.
- MOREIRA, E. R. **O ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental no município de Belford Roxo/RJ.** Relatório Final. Seropédica: PIBIC/CNPq/UFRRJ, 2019.
- PAULO, J. R. de. **A formação de professores de geografia: contribuições para mudança de concepção de ensino.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- SANTOS, C. Desenhos e mapas no ensino de geografia: a linguagem visual que não é vista. **Geograficidade**, v.3. número especial, 2013, pp.80-92.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.
- SARMENTO, M. J. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, V. R. M. R; SARMENTO, M. J. (Org.). **Infância (in)visível.** Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.
- TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.
- VASCONCELLOS, T. **Criança do lugar e lugar de criança: territorialidades infantis no noroeste fluminense.** Tese de doutorado em Educação. UFF, 2005.
- VASCONCELLOS, Tânia de. **Reflexões sobre infância e cultura.** Niterói: EDUFF, 2008.

MOREIRA, E. R.; SANTOS, C. dos. *O uso do desenho no ensino de geografia na escola básica da Baixada Fluminense. Geomae, Campo Mourão, v.11, n.1, p.91-105, 2020.*

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, XXI (71), 23-44; jul. 2000.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEOTIEV, A.N. **Estudos sobre a história do comportamento: símio, homem primitivo e criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.